ALGO SOBRE A HISTÓRIA DE SOBRAL

Wicar Parente de Paula Pessoa

Um alvará, de 08.12.1670, determinou que: "Os governadores, em benefício da povoação e da lavoura das terras do Brasil, as desse de sesmarias a todas as pessoas que, com mulher e filhos, viessem para qualquer parte do Brasil".

No Nordeste, ainda não havia terminado a ocupação holandesa, cessada, no Ceará, em 1653 e no restante, em 1654.

A economia nordestina era baseada na extração do pau-brasil, na agro-indústria da cana e na criação de gados.

A extração do pau-brasil exigia cavalos e bois para transportá-lo. A agro-indústria da cana necessitava de boas terras, de numerosa escravatura, de cavalos, para o transporte da cana e do açúcar; e de bois, para alimentar a escravatura, movimentar as moendas e para transportes.

Cessada a luta contra os Batavos, procuraram restaurar os engenhos, modernizados pelos holandeses, que haviam, com o emprego de engrenagens, mudado a posição das moendas de verticais para horizontais. Essa mudança, além de facilitar a moagem, aumentava o rendimento em garapa.

Necessitavam de mais canas, e, conseqüentemente, de mais bois e de mais cavalos para os transportes.

O sustento das tropas havia reduzido fortemente o rebanho bovino, com as requisições militares.

Criava-se,entre os rios Apodi e São Francisco. O Ceará era o refúgio da indiada, repelida da Bahia ao Rio Grande do Norte.

Sabiam existir terras, no Ceará, apropriadas para o criatório porém com o impeditivo dos índios nele refugiados, impeditivo vencível pelas armas de fogo.

As duas grandes vias de penetração, para o povoamento do sertão, eram os vales do Jaguaribe e do Acaraú, marginados por largos varjados.

Em 20.09.1679, foi concedida pelo Capitão Governador da Capitania do Ceará, o meu tio Sebastião de Sá, aos Rio Grandenses Francisco Rodrigues Coelho e companheiros a primeira sesmaria no vale do Jaguaribe: "fazendo padrão no rio Jaguaribe da parte do Norte " (Data no. 2 do vol. 1 das Datas de Sesmarias).

O Capitão Sebastião de Sá era irmão de Madalena de Sá, casada com Nicácio de Aguiar e Oliveira e sogra de Manoel Vaz Carrasco.

No vale do Acaraú, a primeira sesmaria foi concedida aos pernambucos, licenciado Fernando de Góis e companheiros, pelo Capitão Governador do Ceará Bento Macedo de Faria, em 23.09.1683 (Vol. I — Data no. 36).

Seguiu-se a concessão de Datas nesses vales e nos vales de outros rios menores, todas com o objetivo de criar gados. Foram situadas centenas de fazendas que prosperaram rapidamente.

No meado do século XVIII, os sertões do Ceará já estavam densamente povoados de gados, sendo a produção transportada para Pernambuco, em longas caminhadas, com perda de peso.

A indiada havia sido aldeiada ou repelida, a balas, para o Piauí e o Maranhão, resolvendo-se o problema do furto de gados.

Até 1777-1778, não ocorrerá nenhuma estiagem intensa.

Um benemérito anônimo bolou, cerca de 1740, o preparo da "carne do Ceará", atualmente chamada de charque.

Destarte, em lugar das reses viajarem por terra, buscando os engenhos, eram transportadas, em sumacas e outros barcos, convertidas em apetitosas mantas de carne, preparadas, quando as reses estavam no máximo de gordura e de consequente rendimento.

Os cavalos e os bois mansos (bois de carros) continuaram a viajar por terra.

Para o preparo da carne do Ceará, necessitava-se de muito sal, e de muita água, para as limpezas.

Os rios Jaguaribe, Acaraú e Coreaú, (Camocim) foram perenes, até à grande seca de 1792 a 1794. (Ver Ayres do Casal — Corografia Brasílica).

As "oficinas", para o preparo das "carnes", foram estabelecidas nas barras desses rios, onde havia água e facilidade de obter sal.

A comercialização era feita por negociantes de Macavoqueira (Granja), de Sobral e do Aracati, principalmente de Aracati e de Sobral, que conseguiram amealhar cabedais, tornando-se essas povoações os dois maiores centros de riqueza do Ceará.

Houve o surto de desenvolvimento de Icó, como coletor de gados para o Aracati e de bois de carros e cavalos, para Pernambuco, que viajavam via Campina Grande (estrada nova das boiadas).

Em Aracati e em Sobral, desenvolveram-se as mais ilustres famílias do Ceará, ressalvadas a família Fernandes Vieira, em Icó-Saboeiro, e a família Alencar, no Cariri e no sertão de Pernambuco.

A distância não impediu que as famílias dos grandes polos financeiros do Ceará — Aracati e Sobral — se entrelaçassem, com a atuação do polo Sobralense sobre o de Aracati.

Fortaleza — o Forte — era um burgo de burocratas pobres, pouco pesando na economia e nas finanças do Ceará; servindo, apenas, para o traçado de tricas políticas entre os partidos e o Governo.

Os grandes chefes políticos: Visconde de Icó, residente em Saboeiro; Senador Paula Pessoa e Cel. Joaquim Ribeiro da Silva, residentes em Sobral; Cap. Mór João de Castro e Silva, residente em Aracati, mantinham, em Fortaleza, seus prepostos.

Aracati era controlada, política e financeiramente, pela família Castro e Silva, proveniente de José de Castro e Silva, natural da ilha de S. Miguel e de D. Ana Clara, oriunda de Itamaracá.

Desse ilustre casal, nasceram Antônio José de Castro e Silva, Capitão Mór de Fortaleza; João de Castro e Silva, Capitão Mór de Aracati; D. Maria Clara que se casou com o farmacêutico Vicente Carlos Angeri de Sabaoia e outros.

Integrava essas famílias Manoel do Nascimento Castro e Silva, o Senador Castro e Silva, que foi Ministro da Fazenda, cinco vezes, Deputado Geral, Presidente de Províncias e a quem coube, como enviado especial, negociar o ajustamento das dívidas entre Portugal, Brasil e Inglaterra.

Foi ele quem conseguiu salvar, o padre Alencar, o futuro Senador Alencar, do fuzilamento, em 1825.

Até a segunda metade do século XVIII, poucas eram as ligações familiares, entre Sobral e Aracati.

No último quartel desse século, uma complicação familiar levou o Capitão Mór de Fortaleza Antonio José de Castro e Silva, Aracatiense ilustre, a mudar-se para Sobral.

Com a morte de D. José Primeiro, assumiu o trono português D. Maria Primeira, casada com o seu tio D. Pedro Terceiro, um decrépito, sendo logo afastado do Governo o grande Pombal.

D. Maria, a "Louca", segundo os brasileiros e a "Piedosa", conforme os Portuguêses, entregou-se completamente a um clero ávido de dinheiro, já escasso em Portugal.

Onde conseguir dinheiro para matar a ganância clerical?

Somente o Brasil, poderia dá-lo, tirando-o das "Gerais", sendo escolhido, para esse fim, D. Luíz de Vasconcelos, Vice-Rei do Brasil, e Luís de Menezes, Governador de Minas Gerais, que passou a agir com exagerada severidade na arrecadação dos impostos, o que motivou a saída de Minas de muitos devedores.

As "carnes do Ceará" eram vendidas em Pernambuco e em Salvador; havendo chegado a Minas Gerais.

Elas fizeram o Ceará conhecido nessas paragens.

Certamente, para fugir ao pagamento de "quinto de ouro" e de outros impostos atrasados, desembarcaram em Acaraú, rumando para Sobral dois Portugueses ricos.

Um deles, o Sargento Mór Antônio da Costa Cordeiro, proveniente de Vila Rica (Ouro Preto) e casado com a mineira Úrsula das Viagens.

Deixou Minas antes dos sucessos que levaram à morte do Alferes Tiradente.

Os sonegadores conseguiram a substituição de D. Luíz de Menezes pelo Visconde Barbacena, homem mais compreenviso, que procurou ganhar tempo e naturalmente dinheiro.

O Vice-Rei, D. Luís de Vasconcelos, pressionado pela Corte, pressionou o Visconde de Barbacena para obter dinheiro, lançando uma derrama ou finta.

Forçado, Barbacena, que era ligado, fraternalmente, aos devedores, para agradar à Corte e sustentar o cargo, lançou a finta, no dia 14 de Março de 1789, suspendendo-a, porém, no dia quinze, em virtude da "Gravidade dos fatos de que tivera conhecimento", com a delação de Joaquim Silvério dos Reis.

Uma conspiração contra o reino!

Uma coisa tão importante que relegaria, para o segundo plano, a projetada derrama.

Foi instaurada uma devassa para apurar as responsabilidades, sendo presos, dentre outros, os letrados da terra, inclusive o poeta Claudio Manoel da Costa, que, talvez, por conhecer toda a farsa, suicidou-se na sela, por "enforcamento".

Embora a igreja negue ofícios fúnebres aos suicidas, o poeta teve "Missa a Campa". A igreja conhecedora da natureza do suicídio, abriu uma exceção.

Era necessário impressionar a população e dar uma satisfação à Rainha, com uma punição espetacular, escolhendo-se, para isso, o modesto

e pobre Alferes de Milicia, Joaquim da Silva Xavier — o Tiradentes, que foi esquartejado:

Os letrados poderiam comentar o acontecido e foram degradados para a África.

Segundo dizem, a Piedosa, ao saber da morte espetacular do Alferes, teve uma crise de nervos fortíssima.

Esse relato, consta de um livro que acaba de ser publicado na América do Norte, sobre os acontecimentos de 1789, em Minas.

O grande Capistrano de Abreu, D. Pedro II e outros, cultores da história pátria, jamais deram valor histórico à chamada "Inconfidência Mineira".

Os mineiros, diante da inópia de fatos históricos ocorridos nas Gerais e apoiados no seu grande prestígio político, vêm explorando os sucessos da finta lançada pelo Visconde de Barbacena e rematada com o esquartejamento do infeliz Alferes Tiradentes, procurando atribuir grande valor histórico a esse acontecimento de somenos importância político-social.

Como já disse, quando da ameaça da finta, no Governo de D. Luís de Menezes, veio para Sobral, via Acaraú, o sargento Mór Antônio da Costa Cordeiro.

Em oito de agosto de 1785, como consta do livro de casamentos, referente a essa época, casaram-se no "sítio Lages, sobre a serra da Meruóca, Antonio José de Castro e Silva e Francisca Delfina, filha do sargento Mór Antônio da Costa Cordeiro e de sua mulher Úrsula das Virgens. . .".

Do registro, se vê que o casamento foi impugnado por Feliciana Maria da Conceição, de Passagem das Pedras, em Aracati, e que "apresentaram desistência por parte de quem arguiram impedimento"...

O meu ilustre parente, o Cônego Sadoc de Araújo, no seu notável "Cronologia Sobralense", omitiu esse evento.

Terá sido para não milindrar a ilustre e notabilíssima descendência do casal?

Desse consórcio nasceram, em Sobral:

1) O Cônego Antônio de Castro e Silva, político notável e que foi confessor de Pessôa Anta e de Mororó;

2) O Cel. Vicente de Castro e Silva, que se casou com D. Maria Jeronima Figueira de Melo, irmã do notável Senador Figueira de Melo e do emérito professor de Direito João Capistrano Bandeira de Mello. Desse casal descendem os Buenos de Miranda e Valladão, de São Paulo; os Figueiras de Mello do Rio, São Paulo e de Santa Catarina, a minha saudosa sogra, sobrinha do Cel. Francisco Frederico Figueira de Mello, Comandante do 26o. Batalhão de Voluntários da Pátria (cearense) e que, sob as ordens do bravo e invencível General Sampaio, tomou parte nas ações vitoriosas de "Passagem do Paraná", no dia 16.04.1866.

"Confluência," no dia dezessete, no assalto e ocupação do Forte de Itapiru, no dia dezoito; em "Estero Bellaco", no dia dois de maio e em "Passo da Cidra", no dia vinte.

Vale salientar que a única fortaleza paraguaia ocupada, com luta, foi o Forte de Itapiru, assaltado a baioneta pela tropa de General Sampaio. Como terá sido conseguido esse sucesso?

Curupaiti foi a segunda fortificação paraguaia atacada, com fragorosa derrota para os aliados, fato que motivou o abandono da guerra, pelo General Mitre.

O Bravo Coronel Francisco Frederico Figueira de Mello foi morto, no dia 23.05.1866, por uma sentinela medrosa, quando, inspecionava as linhas avançadas.

O 26o. Batalhão, como tropa de elite, estava na vanguarda.

A morte de Figueira de Mello, por um covarde e irresponsável, privou o Ceará, Sobral, os Castros e Silva e os Figueira de Mello de verem um dos seus filhos no Panteon da história.

Que papel brilhante teria Figueira de Mello desempenhado na grande batalha? Ele era filho do Cel. Vicente de Castro e Silva

3) João Antônio, casado com Angela Saboia;

4) Rita, casada com o Cel Antônio Viriato de Medeiros, natural da Paraíba, filho do Procurador da Coroa, Dr. José Gonçalves de Medeiros e D. Ana de Mello Muniz;

5) Ana, casada com o português José Luíz de Abreu;

6) Tereza, casada com Cap. Mór Joaquim José Barbosa, natural do Aracati, originando-se desse casal a ilustríssima família Studart;

E ainda Marcos, Maria Clara, Úrsula, Inacia, Rufina e Josefa Carolina.

O Cap. Mór Joaquim J. Barbosa teve papel saliente na Vida político-social de Sobral.

Foi um dos defensores do vigário colado de Sobral, padre José Gonçalves de Medeiros, preso pelo Ouvidor Antônio Manoel Galvão.

Com a prisão do Vigário colado de Sobral, a Freguesia foi regida, interinamente, pelo Padre Antônio de Castro e Silva, até 16 de julho de 1813 e pelo Padre Joaquim José de Castro e Silva, irmão do Cap. A. José C. Silva, até o dia 31 de janeiro de 1814.

Vê-se que havia intercâmbio entre os Castro e Silva de Aracati e de Sobral.

Cerca de 1776, chega a Sobral, via Acaraú, Inácio Gomes Parente, vindo da Bahia e já homem maduro; integrava os "Gomes do Lamego", sendo filho de Manoel Gomes e de Caetana Lopes.

Esses Gomes, segundo Jaboatão, compraram o engenho "Santa Cruz", na Bahia, vendendo-o depois.

Inácio foi homem de grandes cabedais, havendo emprestado, cerca

de 1820, mais de três contos de réis à Câmara de Sobral para a construção do mercado, sem juros, e para serem pagos, quando fosse possível.

D. João VI concedeu-lhe o título de "Cidadão e Benemérito do Reino". Já era fidalgo da Casa Real, desde 04.07.1790. Casou-se na família das sete irmãs e teve, com os filhos, papel saliente na política de Sobral.

O seu filho mais velho, José Inácio, foi Deputado às Côrtes de Lisboa.

O Capitão Mór Antônio José de Castro e Silva faleceu em 31 de agosto de 1817, deixando a liderança dos Castros e Silva, na ribeira do Acaraú, ao seu filho Cel Vicente de Castro e Silva e ao seu genro Capitão Mór Joaquim José Barbosa, fortes comerciantes em Sobral.

Depois da morte do Capitão Mór Antônio José de Castro e Silva, o Padre Francisco Gomes Parente, vigário colado de Santa Quitéria, político evidente, desencaminhou a jovem Isabel da Hungria de Castro e Silva. Parece que Isabel se prende a Feliciana, a impugnadora do casamento do Capitão Mór Castro e Silva, em 1785. Provavelmente ela era o fruto dos amores de Feliciana com o Cap. Mór e fôra criada com a família do Capitão Mór.

O casal Padre Francisco e D. Isabel da Hungria teve três filhos: Desembargador Esmerino Gomes Parente, Dr. Hermeto Gomes Parente e Feliciana ou Francelina.

Os Gomes Parente são de pele muito clara, tipo italiano, e os descendentes do Padre Francisco Gomes Parente são morenos.

O procedimento do Padre Francisco molestou à família Castro e Silva.

De um choque, entre o Cel Vicente de Castro e Silva, e o meu terceiro avô Cel Diogo Gomes Parente, irmão do virtuoso Padre, resultou a morte do Cel. Vicente de Castro e Silva.

Esse funesto acontecimento motivou a retirada de Sobral dos Castros e Silva, com exceção da família Saboia e dos filhos do Cel. Antônio Viriato de Medeiros, já viúvo de D. Rita de Castro e Silva. O português José Luís Abreu casado com D. Ana passou a viver em Acaraú.

Os Sabóias já estavam entrelaçados com os Gomes Parentes, por intermédio do Capitão Mór Manoel José do Monte.

Os demais Castro e Silva sobralenses mudaram-se para Fortaleza.

Para Sobral, foi um grande prejuízo porém o Ceará lucrou, porque uma Castro e Silva, de tronco sobralense, casou-se com Sr. John Studart, dando origem à ilustríssima família Studart.

Do casal Padre Francisco – D. Isabel provieram desembargador, Presidentes de Estado, musicistas ilustres, militares graduados, líderes de governo e Ministros de Estado.